

1

Amigos, chegou a hora da limpeza e estamos a fazer desconto em todos os nossos Ubiks elétricos e silenciosos, poupando-vos muito dinheiro. Sim, vamos proceder a liquidação total. E lembrem-se: todos os nossos Ubiks foram usados apenas conforme as instruções.

Às três e meia da madrugada de 5 de junho de 1992, o principal telepata do Sistema Sol desapareceu do mapa nos escritórios da Runciter Associates, na cidade de Nova Iorque. Isso pôs de imediato os videofones a tocar. A organização Runciter tinha perdido o rasto a demasiados psis de Hollis nos últimos dois meses. Este novo desaparecimento era inaceitável.

— Sr. Runciter? Desculpe incomodá-lo.

O técnico de serviço no turno da noite na sala dos mapas tossiu nervosamente, enquanto a cabeça grande e desleixada de Glen Runciter subia até ocupar todo o ecrã.

— Recebemos esta notícia de uma das nossas inertes. Deixe-me ver.

Pôs-se a remexer um amontoado de cassetes do gravador que monitorizava as mensagens recebidas.

— Foi a Miss Dorn que informou. Como se deve lembrar, ela seguiu-o até Green River, no Utah, onde...

Ensonado, Runciter resmungou:

— Quem? É impossível eu lembrar-me sempre de qual inerte está a perseguir qual telepata ou qual pré-cog.

Passou a mão a alisar o cabelo duro, já encanecido.

— Ignore o resto e diga-me quem é que desapareceu agora do pessoal do Hollis.

— S. Dole Melipone — respondeu o técnico.

— O quê? O Melipone desapareceu? Está a brincar.

— Não, não estou — assegurou o técnico. — A Edie Dorn e outros dois inertes seguiram-no até um motel chamado Laços de Experiência Erótica Polimórfica, uma estrutura subterrânea de sessenta unidades destinada a homens de negócios e às suas prostitutas que não querem ser importunados. A Edie e os colegas não pensaram que ele estivesse ativo, mas, para confirmar, mandámos lá um dos nossos próprios telepatas, o Sr. G. G. Ashwood, para o analisar. O Ashwood encontrou um padrão codificado em torno da mente do Melipone, e por isso não pôde fazer nada. Então, regressou a Topeka, no Kansas, onde está agora a analisar uma nova possibilidade.

Runciter, mais desperto, acendera um cigarro. Com o queixo apoiado na mão, reclinou-se com ar sombrio, deixando o fumo fluir pelo visor do seu lado do circuito de dois canais.

— Tem a certeza de que o telepata era o Melipone? Ninguém sabe qual é a aparência dele. Deve usar um modelo fisionómico diferente todos os meses. E o campo dele?

— Pedimos ao Joe Chip que fizesse testes de magnitude e minitude ao campo que se estava a gerar no Motel dos Laços de Experiência Erótica Polimórfica. O Chip diz que registou, no ponto mais alto, 68,2 unidades blr de aura telepática. Entre todos os telepatas conhecidos, apenas o Melipone consegue produzir um valor destes.

E o técnico concluiu:

— Então, foi aí que colocámos a bandeira indicativa do Melipone no mapa. E agora ele... ela... desapareceu!

— Procuraram no chão? Por trás do mapa?

— Desapareceu eletronicamente. O homem que ela representa já não está na Terra nem, tanto quanto pudemos verificar, num mundo colonizado.

— Vou consultar a minha falecida mulher — disse Runciter.

— Estamos a meio da noite. Os moratórios estão fechados.

— Não na Suíça — respondeu Runciter, e sorriu com um esgar, como se algum fluido noturno repelente lhe tivesse subido à garganta envelhecida. — Boa noite.

Runciter desligou.

Como dono do Moratório dos Irmãos Bem-Amados, Herbert Schoenheit von Vogelsang ia sempre para o trabalho, é claro, antes dos seus empregados. Naquele momento, com o prédio frio e ressoante a começar a despertar, um administrativo, com ar preocupado e óculos quase opacos, vestindo um casaco de pelo cinzento com riscas pretas e com sapatos amarelos de bico estreito, aguardava na receção, com um talão na mão. Ia decerto visitar um parente no feriado. O Dia da Ressurreição — o feriado em que os semivivos eram honrados — estava quase a chegar. A agitação não tardaria.

— Sim, senhor — disse-lhe Herbert, com um sorriso afável. — Vou tratar do seu talão pessoalmente.

— Trata-se de uma senhora idosa — explicou o cliente. — À volta dos oitenta, muito pequena e enrugada. É minha avó.

— Só um momento.

Herbert dirigiu-se aos contentores refrigerados nas traseiras e pôs-se a procurar o número 3054039-B.

Quando conseguiu encontrar o que pretendia, examinou a ficha anexa. Indicava que lhe restavam apenas quinze dias de semivida. «Não é muito», refletiu ele. Com um gesto automático, empurrou um amplificador portátil de profase para dentro do invólucro de plástico transparente da urna, sintonizou-o e escutou até ouvir a frequência correta que indicava atividade cefálica.

Ouviu-se uma voz sumida, vinda do altifalante:

— ... e então a Tillie torceu o tornozelo, e nunca imaginámos que se curasse. Foi tão tonta, quis logo começar a andar...

Satisfeito, desligou o amplificador e procurou um empregado sindicalizado para levar a urna 3054039-B para a sala de consulta, onde o cliente seria posto em contacto com aquela senhora.

— Verificou-a, não foi? — perguntou o cliente enquanto pagava os devidos poscreds.

— Pessoalmente — respondeu Herbert. — Está a funcionar perfeitamente.

Ligou uma série de interruptores e afastou-se:

— Feliz Dia da Ressurreição!

— Obrigado.

O cliente sentou-se em frente da urna, que fumegava no invólucro refrigerado. Encostou um auscultador à cabeça e falou para o microfone em tom decidido.

— Flora, querida, estás a ouvir-me? Acho que já te consigo ouvir. Flora?

«Quando morrer», disse para consigo Herbert Schoenheit von Vogelsang, «penso que vou pedir aos meus herdeiros para me fazerem reviver um dia por século. Desse modo poderei observar o destino de toda a humanidade.» Mas isso implicaria um elevado custo de manutenção para os herdeiros, e ele sabia o que isso significava. Mais cedo ou mais tarde, eles iriam insurgir-se. Iriam mandar tirar-lhe o corpo da refrigeração e — Deus o livrasse! — enterrá-lo.

— É uma coisa bárbara, o enterramento — resmungou Herbert em voz alta. — Um vestígio das origens primitivas da nossa cultura.

— Sim, senhor — concordou a sua secretária, sentada à máquina de escrever.

Na sala de consulta, vários clientes estavam agora em comunhão com os seus entes queridos em semivida, numa tranquilidade profunda, distribuídos em intervalos, cada um com a sua urna. Era uma visão repousante, ver aquela gente dedicada, que tão regularmente ia prestar as suas homenagens. Traziam mensagens, notícias do que se passava no mundo exterior. Animavam os melancólicos semivivos, nestes intervalos de atividade cerebral. E... pagavam a Herbert Schoenheit von Vogelsang. Era um negócio lucrativo explorar um moratório.

— O meu pai parece um pouco frágil — disse um jovem, chamando a atenção de Herbert. — Será que pode ver o que se passa com ele? Ficaria muito grato.

— Com todo o gosto — respondeu Herbert, acompanhando o cliente ao longo da sala até junto do seu familiar falecido. A ficha indicava que lhe restavam apenas alguns dias. Isso explicava a qualidade embotada da cerebração. Mas, ainda assim... Aumentou a capacidade de receção do amplificador de protófase, e a voz do semivivo tornou-se ligeiramente mais forte no auscultador. «Está quase no fim», pensou Herbert. Parecia-lhe evidente que o filho não queria ver a ficha nem tinha interesse em saber que o contacto com o pai estava finalmente a fraquejar. Por isso Herbert não disse nada.

Limitou-se a afastar-se, deixando o filho comunicar com o pai. Para quê anunciar-lhe que aquela era provavelmente a última vez que ali viria? No fim de contas, ele não tardaria a descobri-lo.

Tinha aparecido, entretanto, um camião no cais de carregamento, por trás do moratório. Saltaram dele dois homens, com um uniforme seu conhecido, azul-claro. Herbert percebeu que eram da empresa Transportes e Armazenamentos Interplanetários Atlas. Traziam algum semivivo que acabara de falecer, ou então iam levar algum que tivesse expirado. Sem se apressar, dirigiu-se para lá, para supervisionar. Mas, nesse momento, a sua secretária chamou-o.

— Herr Schoenheit von Vogelsang, desculpe interromper a sua meditação, mas um cliente deseja que o ajude a trazer à vida um seu parente.

A voz da secretária tomou uma tonalidade especial quando acrescentou:

— O cliente é o Sr. Glen Runciter, que veio da Confederação da América do Norte.

Um homem bastante alto e idoso, com mãos grandes e passo rápido e desembaraçado, avançou na direção dele. Vestia um fato *Dacron* multicolor de lavar e vestir, com um largo cinto de malha e um plastrão de algodão tingido. A cabeça, enorme como a de um gatarrão, lançava-se para a frente enquanto ele olhava através de olhos ligeiramente protuberantes, redondos, calorosos e extremamente alertas. Runciter conservava nas suas feições uma expressão profissional de saudação, uma atenção rápida que se fixou em Herbert e quase de imediato se estendia para além dele, como se já o prendessem outros assuntos.

— Como está a Ella? — inquiriu Runciter, com a voz a ressoar como se tivesse sido eletronicamente ampliada. — Está pronta a ser acionada para uma conversa? Tem apenas vinte anos. Deve estar em melhor forma do que o senhor ou eu.

Riu-se, mas o seu riso tinha algo de abstrato. Runciter sorria sempre e ria daquela forma sempre, falava sempre com voz cheia, mas no íntimo não dava por ninguém, não se interessava por nada. Era o seu corpo que sorria, acenava e cumprimentava. Nada lhe tocava a mente, que permanecia remota. Distante, mas amável, impeliu Herbert consigo, vencendo o caminho a grandes passadas em direção